

A VOZ COMO TERRITÓRIO DO (IN)TRADUZÍVEL EM TORTO ARADO

THE VOICE AS TERRITORY OF THE (UN)TRANSLATED IN CROOKED PLOW

Raquel Santana Santos Vargas Duplat¹

Caroline Bráulio de Carvalho Sá²

RESUMO: A voz, em Torto Arado, é destacada já na escolha dos elementos narratológicos, como na narração homodiegética das irmãs Bibiana e Belonísia e da encantada Santa Rita Pescadeira, que são, ao mesmo tempo, narradoras e protagonistas, no papel de enunciar a história da comunidade de Água Negra e suas próprias histórias. Nota-se, todavia, que na perspectiva dos elementos intrínsecos à narrativa, a voz se mostra como um espaço onde se busca traduzir as realidades vividas. A tarefa da tradução não consiste na busca de uma equivalência perfeita, mas no saber lidar com o "intraduzível", aquilo que resiste à tradução. Por meio da metodologia de pesquisa bibliográfica, que adotou as perspectivas filosóficas de Foucault, ao trabalhar o corpo enquanto território, e de Derrida com o problema do "intraduzível", se buscou traçar um percurso analítico-interpretativo da obra, com o objetivo de demonstrar que a voz, no contexto da comunidade de Água Negra, se constitui como um território em disputa, onde se deseja traduzir realidades, o que não acontece pelo simples transplante de sentidos, mas pelo reconhecimento da intraduzibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: voz; território; tradução; torto arado.

ABSTRACT: In Crooked Plow, the voice is highlighted from the very choice of narratological elements, such as the homodiegetic narration of the sisters Bibiana and Belonísia and the enchanted Saint Rita Pescadeira, who are simultaneously narrators and protagonists, in the role of enunciating the history of the Água Negra community and their own stories. It is noted, however, that from the perspective of the intrinsic elements of the narrative, the voice appears as a space where one seeks to translate lived realities. The task of translation does not consist in the search for a perfect equivalence, but in knowing how to deal with the "untranslatable," that which resists translation. Through bibliographic research methodology, which adopted the philosophical perspectives of Foucault, in working with the body as territory, and of Derrida with the problem of the "untranslatable," an analytical-interpretative path of the work was sought, with the aim of demonstrating that the voice, in the context of the Água Negra community, constitutes a territory in dispute, where the desire is to translate realities, which does not happen through the simple transplantation of meanings, but through the recognition of untranslatability.

¹ Mestranda em Direito pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). Ilhéus, Bahia, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8679504364582597>. Endereço eletrônico: duplatraquel15@gmail.com. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb). Vinculada ao Grupo de Pesquisa em Direito, Cinema e Filosofia (Cinestesia/CNPq), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Direito em associação (Uesc, Uefs, Uneb, Uesb).

² Mestranda em Direito pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). Ilhéus, Bahia, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6724238735935693>. Endereço eletrônico: carolbrauliosa@gmail.com. Vinculada ao Grupo de Pesquisa em Direito, Cinema e Filosofia (Cinestesia/CNPq), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Direito em associação (Uesc, Uefs, Uneb, Uesb).

KEYWORDS: voice; territory; translation; crooked plow.

1. INTRODUÇÃO

A voz, na narrativa ficcional literária de Torto Arado (Vieira Junior, 2019), ganhou relevo já na escolha autoral dos elementos narratológicos, a exemplo da narração homodiegética das irmãs Bibiana e Belonísia e da encantada Santa Rita Pescadeira, que são, ao mesmo tempo, narradoras e protagonistas, no papel de enunciar a história da comunidade de Água Negra e suas próprias histórias. Além disso, no interior da trama, a personagem Belonísia sofre um acidente que lhe arranca a língua e silencia a voz. De outro lado, Água Negra possui na tradição oral sua forma de transmissão de saberes. O silenciar daquela comunidade significaria também seu apagamento.

Nota-se, todavia, que na perspectiva dos elementos intrínsecos à narrativa, a voz se mostra como um espaço onde se busca traduzir as realidades vividas pelos personagens da trama e compositores daquela comunidade. Nesse sentido, a voz como objeto da fala, esta, por sua vez, atributo do corpo, permite a análise da obra a partir de uma perspectiva filosófica do conceito de corpo-território, inspirado, dentre outros autores, por Foucault. Trata-se de conceito utilizado, em especial, no âmbito das discussões latino americanas sobre “território”, através de discussões de gênero travadas por feministas e, mais especificamente, por mulheres indígenas (Haesbaert, 2020).

Além disso, o que se observa na narrativa é o uso da voz como tentativa de tradução de realidades vividas, seja pelas protagonistas/narradoras, seja pelo restante da comunidade retratada. Trata-se de uma escolha narrativa que põe em destaque as vivências de grupos comumente subalternizados, como é o caso das mulheres, mulheres-quilombolas e das populações quilombolas e rurais como um todo. Nesse ponto, também na perspectiva filosófica, observa-se o que Derrida denominou de problema do intraduzível. Para Derrida (2000), a tarefa da tradução não consiste na busca de uma equivalência perfeita, mas no saber

lidar com o “intraduzível”, aquilo que resiste à tradução. Assim, ao analisar a voz como espaço de tradução de realidades vividas, é preciso, criticamente, notar a existência daquilo que é impossível de ser traduzido.

Aderindo-se, portanto, às perspectivas filosóficas foucaultiana e derridiana sobre o corpo-território e o problema do intraduzível, questiona-se enquanto problemática central do presente trabalho: a voz, em *Torto Arado*, se constitui enquanto território em disputa do (in)traduzível?

A fim de responder a tal problemática, utilizou-se da metodologia de pesquisa bibliográfica, a partir das perspectivas filosóficas de Foucault, ao trabalhar o corpo enquanto território, fundamentando-se em obras como “Vigiar e Punir” (Foucault, 2014) e “Microfísica do Poder” (Foucault, 2000); e de Derrida com o problema do “intraduzível”, traçando um percurso analítico-interpretativo (Karam, 2017) da obra. O método proposto por Karam (2017) faz uso da narratologia, área da teoria da literatura que possui pressupostos importantes para o estudo que inter-relaciona o direito com a literatura, a exemplo da perda de sentido em investigar as obras literárias a partir de dados da vida de seus autores e das peculiaridades do uso da linguagem literária, que se difere de outros tipos discursivos.

O percurso analítico-interpretativo consiste em três etapas. A primeira etapa se constitui no oferecimento de dados quanto à produção e publicação do texto e de um resumo da história, demonstrando os elementos a serem analisados. A segunda fase é o início da atividade interpretativa, ou seja, a investigação daquilo que é intrínseco ao texto: o contexto histórico de sua produção, a observação de elementos capazes de complementar o contexto social sob análise, bem como a menção ao tipo de técnica narrativa utilizada, dentre outros. A última etapa, por fim, deve ser utilizada sempre que a obra se inscreva em momento histórico e cultural distinto do atual, consistindo na relação entre o que está narrado na obra literária e a atualidade, ajudando na construção de sentido do leitor contemporâneo (Karam, 2017).

Tal metodologia foi empregada com o objetivo de demonstrar que a voz, assim como os corpos para Foucault, no contexto da comunidade de Água Negra, se constitui enquanto um território em disputa, onde se deseja traduzir realidades, o que não acontece pelo simples transplante de sentidos, mas pelo reconhecimento da intraduzibilidade. Diante disso, objetivou-se especificamente estabelecer um resumo da narrativa sobrelevando aspectos relacionados ao uso da voz ou ao seu silenciamento na obra literária de ficção Torto Arado e como aquela se constitui enquanto território de disputa de realidade vividas; em seguida, buscou-se discutir o reconhecimento do problema da intraduzibilidade das realidades descritas na narrativa.

Dessa forma, no primeiro capítulo abordou-se um resumo da narrativa de Torto Arado destacando-se os principais aspectos a serem explorados na análise proposta neste trabalho. Em seguida, tratou-se do conceito de “corpo-território”, explicando-se de que forma a voz, na referida obra literária, se constitui enquanto território de disputa para tradução das realidades vividas na comunidade de Água Negra e da população interpretada no texto.

Por fim, o presente trabalho traçou considerações acerca do problema da intraduzibilidade, considerando que a interpretação das realidades vividas, feita por meio das vozes das personagens, consiste propriamente em uma atividade de tradução; o que para Derrida, filósofo francês, é impossível. A impossibilidade de tradução deve, portanto, resultar na criação de novos sentidos, isto é, no saber lidar com aquilo que é “intraduzível”.

2. A VOZ COMO TERRITÓRIO NA NARRATIVA DE TORTO ARADO

Em Torto Arado, romance publicado no Brasil, em 2019, pelo escritor baiano Itamar Viera Jr., Belonísia e Bibiana são duas irmãs, filhas de Zeca Chapéu Grande e Salustiana Nicolau, netas de Donana, todos integrantes da comunidade quilombola de Água Negra, localizada numa região que pode ser identificada como a da Chapada Diamantina no Estado da

Bahia. Logo no começo da trama, cujo primeiro capítulo é intitulado “Fio de Corte”, há um acidente: as irmãs encontram uma faca, que sua avó Donana escondia de todos, e acabam machucando suas próprias línguas. O acidente mudou toda a trajetória de vida de Belonísia, pois a profundidade do corte lhe retirou a possibilidade de falar. A partir desse acontecimento, Bibiana, também com a língua ferida, passa a ser uma espécie de intérprete da fala de sua irmã Belonísia.

Era a língua ferida que havia expressado em sons durante os últimos anos as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos ruídos estranhos que haviam substituído sua voz. Era a língua que a havia retirado de certa forma do mutismo que se impôs com o medo da rejeição e da zombaria das outras crianças. E que por inúmeras vezes a havia libertado da prisão que pode ser o silêncio (Vieira Junior, 2019, p. 87)³.

O começo da narrativa de Vieira Jr. é bastante reveladora de quem e o que o autor pretendeu destacar em sua obra. Afastando-se de um viés paternalista e colonial, o autor logrou êxito em dar voz aos despossuídos do campo. Assim, as protagonistas se convertem em narradoras, ou vice-versa, e é a partir de suas vozes que o leitor é apresentado à comunidade quilombola de Água Negra. Naquela comunidade, o saber e ensinar feminino importam, em que pese tratar-se de contexto rural, cujos trabalhadores retratados descendem de escravizados e a rotina no campo parece querer absorver-lhes as vivências e individualidades. Além disso, aspectos como o importante papel de “curandeiro de corpo e espírito” de Zeca Chapéu Grande ou o papel de líder sindical assumido por Severo, marido de Bibiana, não ofuscam a relevância atribuída à figura feminina na obra.

Dessa forma, a narrativa é dividida em três capítulos, intitulados, respectivamente, “Fio de Corte”, “Torto Arado” e “Rio de Sangue”. Cada um dos capítulos é narrado por uma personagem-protagonista feminina, o primeiro por Bibiana, o segundo por Belonísia e o terceiro por Santa Rita Pescadeira, uma entidade da religião Jarê, prática religiosa presente na região da Chapada Diamantina.

³ Nesse trecho, a narradora-personagem Bibiana se refere à sua própria língua, que usava para “dar voz” também à sua irmã Belonísia.

Por meio da narração da personagem Bibiana, no primeiro capítulo do texto, é possível conhecer a história do acidente que vitimou as duas irmãs e fez com que a relação voz/silêncio surgisse de maneira significativa na narrativa. Além disso, é através da voz de Bibiana que a maioria dos personagens é apresentada ao leitor, bem como a dinâmica da comunidade. No primeiro capítulo, conhece-se a seriedade de Salustiana, o curandeirismo de Zeca Chapéu Grande, as empreitadas da encantada Santa Rita Pescadeira e a relação de força que unia as irmãs Bibiana e Belonísia até sua separação, no final do capítulo.

Na escola, sem Bibiana ao meu lado para me ajudar, minha vida se tornou um tormento. Desde o início, minha mãe avisou à dona Lourdes, a nova professora, da minha mudez. Ela foi cuidadosa, no começo, e bastante generosa para me ensinar as tarefas. Àquela altura eu já sabia ler, graças muito mais aos esforços de minha irmã mais velha e minha mãe do que da professora sem paciência que dava aula na casa de dona Firmina. Para mim era o suficiente. Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer o azeite e de despolar o buriti (Vieira Junior, 2019, p. 97).

Em “Torto Arado”, como fora intitulado o segundo capítulo da obra de mesmo nome, é pela voz de Belonísia que o leitor se aprofunda nos acontecimentos de Água Negra. De logo, observa-se um contrassenso, a narradora-protagonista que não fala, graças ao acidente antes mencionado, tem voz durante a maior parte da narrativa, sendo narrado do maior capítulo da obra. Belonísia narra ao leitor a história de alguém que parece satisfeita em acompanhar o pai em seus serviços como curandeiro, além de trabalhar na fazenda e conhecer de perto as suas peculiaridades. No entanto, apesar de ter cabido à Bibiana a tomada de consciência quanto à situação de exploração a que estava submetida aquela comunidade, são de Belonísia os atos de maior demonstração de força e resistência feminina na trama.

Belonísia narra a sua história de uma perspectiva bastante distinta de sua irmã Bibiana, demonstrando que o silenciamento de sua voz trouxe à ela prejuízos que sua principal intérprete jamais conseguiria perceber ou traduzir, a exemplo da injustiça ocorrida em uma situação com Severo, a ser melhor explorada no próximo capítulo.

Em um outro aspecto bastante relevante de sua narrativa, Belonísia expõe o seu casamento com Tobias, no qual acabou vitimada pela violência doméstica, mas reagiu com a força de uma encantada do Jarê. A narradora-protagonista prossegue contando os acontecimentos da comunidade, os desrespeitos advindos do tratamento dispensados pelos donos formais daquelas terras aos moradores e trabalhadores da comunidade e a escalada de violência que pretendia silenciar e apagar Água Negra.

O último capítulo da obra, chamado “Rio de Sangue”, é narrado pela encantada/entidade do Jarê Santa Rita Pescadeira. Sua narração evidencia a origem da insubordinação das irmãs Bibiana e Belonísia, bem como de Salustiana e Donana, frente ao regime que as explorava e ao qual sucumbia aquela comunidade. Santa Rita Pescadeira revelou aspectos relacionados a tentativa de apagamento da comunidade empreendida pelos novos donos formais daquelas terras, que dentre outras tentativas, quiseram impor sua religião e seu discurso utilizando de mecanismos e órgãos formalmente estabelecidos, a exemplo da realização de cultos por um “pastor de igreja” e da presença de funcionários de órgãos públicos para oitiva dos moradores num processo de reintegração de posse (Vieira Junior, 2019, p. 226 e 257).

A fim de demonstrar a tentativa de silenciamento/esquecimento daquela comunidade, que, destaca-se, possuía na tradição oral sua principal forma de transmissão de conhecimento, visto que a alfabetização dos membros da comunidade se deu, até certo momento, de forma precária, transcreve-se trecho em que a narradora Santa Rita Pescadeira descreve a oitiva de Bibiana por um escrivão e um delegado:

Questionaram sobre o papel dela na desordem que relataram na fazenda. Disse que era professora, casada por muitos anos com um militante. Disse que era quilombola. Escutou que ninguém nunca havia falado sobre quilombo naquela região. “Mas a nossa história de sofrimento e luta diz que nós somos quilombolas”, respondeu, tranquila, diante do escrivão e do delegado (Vieira Junior, 2019, p. 256).

Posta a descrição narrativa da obra literária, relacionando aspectos relativos ao uso da voz ou ao seu silenciamento, tem-se que em *Torto Arado* a voz se constitui enquanto verdadeiro território em disputa de narrativas que buscam interpretar as vivências daquela comunidade. Nesse sentido, ao pensar “território”, não é desejável que se faça uso de conceituações oriundas de uma geografia de matriz eurocêntrica, que coloca como prioridade características jurídico-políticas do território partindo do atuar de grupos hegemônicos (Haesbaert, 2020), principalmente, ao considerar, que a narrativa põe em destaque população subalternizada, constituindo um discurso propriamente contra-hegemônico.

A abordagem de que se deve partir é a que relaciona território e gênero, responsável pela difusão da categoria “corpo-território”, proveniente das preposições de pesquisadoras feministas, ecofeministas e do movimento indígena (Haesbaert, 2020). Tal perspectiva epistemológica revela especificidades próprias da dimensão latino americana de território e se inspira, dentre outras, na obra foucaultiana, segundo a qual os métodos de controle dos corpos se efetivam a partir de processos disciplinares (Foucault, 2014), imputando-se aos corpos atributos de território, onde o poder se exerce e por meio do qual o poder é exercido.

Nesse sentido, destaca-se que, para Foucault (2000), o poder, que não é verticalizado, se realiza não apenas por meio da consciência ou ideologia, mas recai sobre os corpos, bem como é exercido pelos corpos. “Assim, os corpos são territórios tanto a ser defendidos pelos sujeitos, quanto alvo de dominação dos atores hegemônicos que visam a manutenção do *status quo*” (Antonello e Oliveira, 2022, p. 20).

A relação que ora se estabelece é a de que a voz como objeto da fala, esta, por sua vez, atributo do corpo, é uma das formas de enunciar discurso e, portanto, de exercer poder, sendo assim um espaço onde se busca, na narrativa de *Torto Arado*, traduzir as realidades vividas pelas narradoras-protagonistas, que usam suas vozes para contar suas próprias histórias e a de toda comunidade de Água Negra.

Ante o exposto, nota-se que vários são os destaques que o elemento voz adquire na narrativa de Torto Arado e, graças à isso, se constitui enquanto espaço de enunciação de discurso, onde o poder se exerce e por meio de que é exercido. Nesse sentido, a utilização filosófica do conceito de corpo-território, inspirado pela obra foucaultiana, se faz adequado ao presente estudo.

3. O PROBLEMA DO INTRADUZÍVEL EM TORTO ARADO

Estabelecida a relação da voz, integrante/resultante do corpo, sendo este também um território, enquanto espaço de disputa na narrativa de Vieira Junior, outro aspecto deve ser discutido: o problema da intraduzibilidade levantado por Derrida em sua extensa obra. Para Derrida (2000), a tradução é algo impossível, pois para que ela existisse seria necessária a fidelidade total ao original, o que ele defende ser irrealizável. Adere-se aqui, evidentemente, à perspectiva filosófica de Derrida, assim como se fez com Foucault.

A tradução para Derrida não designa tão-somente os atos de transferência de uma língua para outra, nem unicamente as transferências internas a uma mesma língua. A lógica do transporte, da transferência, da transposição, é extensiva a toda produção de conhecimento (Siscar, 2000, p. 60).

Nesse ponto, quando a voz em Torto Arado passa a ser vista enquanto território de tradução/interpretação das realidades vivenciadas pelos moradores da comunidade ficcional de Água Negra, o problema da intraduzibilidade explorado por Derrida fica demonstrado.

Isto é, quando atentos aos elementos intrínsecos ao narrado, é possível verificar a intraduzibilidade na tentativa de Bibiana de contar a história de sua irmã Belonísia, quando esta perde a capacidade de falar. Tal tentativa desemboca, por exemplo, numa situação de injustiça, quando Bibiana conta para sua mãe que teria visto a irmã com Severo e, graças à isso, Belonísia sofre punições físicas de sua mãe, sendo incapaz de expor ela própria a sua versão, ao que se pode denominar “original”. Ao leitor só é dada a oportunidade de entender o que

realmente aconteceu entre Belonísia e Severo quando a narração passa a ser feita pela própria Belonísia, que expõe o seu ponto de vista.

Outro exemplo de intraduzibilidade das realidades vividas que ocorre no interior da trama é a forma como é contada a morte de Tobias. Antes por Belonísia, que conta ter encontrado o corpo do marido caído na estrada, após alguns dias sumido de casa, e depois ter tomado conhecimento de que Tobias teria desafiado a encantada Santa Rita Pescadeira, ficando a cargo desta ter dado fim à vida de Tobias, após ele ter duvidado de sua existência. Depois, o mesmo acontecimento é contado pela própria encantada, quando ganha outros contornos, que obrigam o leitor a praticamente decifrar o acontecido, a partir dos elementos espirituais que passam a compor a interpretação.

Ao analisar os elementos extrínsecos da narrativa, como a expectativa autoral de Vieira Junior de dar voz aos personagens subalternizados, também é possível arguir a existência da intraduzibilidade na medida em que o autor dá voz às personagens femininas e à população da qual é um estudioso. Nesse ponto, Vieira Junior transpõe em linguagem a história daquela comunidade/personagens, traduzindo-a, o que para Derrida (2000) desestabiliza o original (ressalta-se que tal desestabilização aconteceria por si só, ao considerar que a transposição em linguagem já é criadora de ficção, ainda que não se tratasse de obra ficcional).

A desestabilização do original é inauguradora de uma (im)possibilidade que força a criação de um novo sentido à narrativa. Diante disso, a tarefa da tradução (leia-se interpretação presente interna e externamente em Torto Arado, como analisado aqui) não consiste na busca de uma equivalência perfeita, mas no saber lidar com o “intraduzível”, aquilo que resiste à tradução (Derrida, 2000).

Como resultado do exposto, tem-se que a voz, que aparece como território em disputa para interpretação ou tradução de realidade vivenciadas no contexto da obra literária de ficção Torto Arado, expõe também o problema da intraduzibilidade, revelado por Derrida e explorado aqui sob a perspectiva filosófica. Assim, o que se conclui é que o desejo de tradução

de realidades não se concretiza pelo simples transplante de sentidos, mas perpassa pelo reconhecimento do intraduzível, que força a criação de novas formas de sentido.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consideração ao abordado no presente trabalho, conclui-se que a voz, na narrativa ficcional de Torto Arado, assume relevo desde a escolha dos elementos narratológicos. Dessa forma, ao atuarem simultaneamente como narradoras e protagonistas, as irmãs Bebiane e Belonísia e a encantada Santa Rita Pescadeira enunciam não apenas suas trajetórias individuais, mas a história coletiva da comunidade de Água Negra. Nesse contexto, o acidente que silencia a voz de Belonísia contrasta com a tradição oral estabelecida como forma de transmissão de conhecimentos naquela comunidade, permitindo perceber que o silenciamento das vozes representaria o apagamento desta.

Para fundamentar a análise ora realizada, o presente trabalho apresentou uma síntese da narrativa, destacando os aspectos fundamentais da obra literária que permitiram, em seguida, a exploração do conceito de “corpo-território”. Demonstrou-se, assim, como a voz se constitui enquanto um território de disputa para a tradução das realidades vividas interpretadas na obra.

A partir dessas premissas, as reflexões ora traçadas avançaram sobre o problema da intraduzibilidade sob a ótica filosófica de Derrida. Ao considerar que a interpretação de realidades vividas consiste em uma atividade de tradução, que esbarra na impossibilidade levantada pelo filósofo francês. Tal impossibilidade, contudo, não deve ser vista como um encerramento da atividade tradutória/interpretativa, mas como um convite à criação de novos sentidos e a saber lidar com o que resiste à tradução.

Portanto, nota-se que a voz em Torto Arado se consolida como um território de enunciação de discursos onde o poder se exerce, tornando a utilização do conceito de corpo-

território, inspirado pela filosofia foucaultiana, uma ferramenta adequada ao estudo proposto. Em última análise, conclui-se que o desejo de traduzir vivências não se concretiza por um simples transplante de significados, mas pelo reconhecimento do intraduzível, o qual tensiona a linguagem e força o surgimento de novas formas de sentido.

REFERÊNCIAS

ANTONELLO, Ideni Terezinha. OLIVEIRA, Ariel Pereira da Silva. O corpo-território: diálogo entre o conhecimento geográfico e a filosofia foucaultiana. *Perspectivas em Diálogo*, Naviraí, v. 9, n. 21, p. 7-28, set./dez. 2022.

DERRIDA, J. *What is a "relevant" translation?* Trad. Olivia Niemeyer Santos. Alfa, São Paulo, v. 44, n. esp., p. 13-44, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42ª ed. Petropolis: Vozes, 2014.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, Niterói, v. 22, n. 48, p. 75-90, 2020.

KARAM, Henriete. Questões teóricas e metodológicas do direito na literatura: um percurso analítico-interpretativo a partir do conto *Suje-se gordo!*, de Machado de Assis. *Revista Direito GV*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 827-865, set-dez, 2017.

SISCAR, Marcos. Jacques Derrida, o intraduzível. *Alia*, São Paulo, v. 44, n. esp, p. 59-69, 2000.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2019.